


O GOLPE MILITAR DE 1955 NA ARGENTINA PELAS PÁGINAS DO JORNAL “O GLOBO”¹

*Mauro Petersem Domingues*²

Resumo

O presente estudo analisa a cobertura do jornal O Globo sobre os acontecimentos que levaram à deposição do Presidente argentino Juan Domingo Perón em setembro de 1955 e ao estabelecimento de uma ditadura militar naquele país. Através da análise das matérias publicadas acerca do tema buscou-se identificar no discurso político-midiático do jornal suas estratégias discursivas, a caracterização que este faz dos personagens envolvidos nos fatos narrados, as relações estabelecidas entre personalidades e processos da política argentina e os da política brasileira e identificar os imaginários sociais mobilizados e as ideologias difundidas por O Globo naquele contexto, averiguando sua contribuição à difusão de crenças e valores relativos à vida política e à legitimidade democrática entre nós.

O estudo conclui que o jornal O Globo fez uso de sua cobertura sobre os fatos da política argentina para reforçar a associação da figura de Perón à de Getúlio Vargas, colocando ambos como uma ameaça à estabilidade democrática. No contexto brasileiro essa identificação visava desgastar os “herdeiros” de Vargas, ou seja, a chapa composta por Juscelino Kubistchek e, principalmente, João Goulart, que se apresentavam como candidatos à Presidência e Vice- Presidência da República, respectivamente, nas eleições que ocorreriam em outubro daquele mesmo ano.

Palavras-chave

Imprensa;
Cultura política;
Democracia.

THE 1955 MILITARY COUP IN ARGENTINE THROUGH O GLOBO’S PAGES

Abstract

This study analyzes the coverage of the O Globo newspaper about the events that led to the deposition of the Argentine President Juan Domingo Perón in September 1955 and the establishment of a military dictatorship in that country. By analyzing the published articles about the theme, it was sought to identify in the journal's political discourse its discursive strategies, its characterization of the characters involved

Keywords

*Political culture;
Press;
Democracy.*

¹ Este artigo foi originalmente apresentado no I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos, em 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

² Mestre em Ciência Política pelo IUPERJ. Professor de Ciência Política da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: mpetersem@hotmail.com.

in the narrated facts, the relations established between actors and processes of Argentine politics and the Brazilian ones and to identify the mobilized social imaginaries and the ideologies spread by O Globo in that context, ascertaining their contribution to the diffusion of beliefs and values related to political life and democratic legitimacy among us.

The study concludes that the newspaper O Globo used its coverage on the facts of Argentine politics to reinforce the association of the figure of Perón to that of Getúlio Vargas, placing both as threats to democratic stability. In the Brazilian context, this identification was aimed at eroding Vargas' heirs, that is, the candidates for the Presidency and Vice Presidency of the Republic in October's elections, respectively, Juscelino Kubistchek and, especially, his running mate João Goulart.

Apresentação

No dia 16 de setembro de 1955, o diário carioca O Globo destacava em sua primeira página a seguinte manchete: *Novo levante militar na Argentina*. De fato, tratava-se de um novo levante militar, já que o presidente Juan Domingo Perón já suportara um levante três meses antes, em que a força aérea argentina lançara bombardeios sobre a capital, Buenos Aires, causando 364 mortes, número que ultrapassou a casa das 400 mortes se computados outros combates envolvendo a Marinha e o Exército.

Na nova tentativa de golpe iniciada em 16 de setembro, a adesão da Marinha (que antes apoiara o Presidente) foi definitiva para que, em menos de uma semana, Perón se visse deposto e obrigado a pedir asilo na embaixada do Paraguai a 20 de setembro de 1955. No mesmo dia, o general Eduardo Lonardi baixou um decreto nomeando a si mesmo Presidente Provisório, sendo quase que imediatamente reconhecido pelos governos do Uruguai (23 de setembro), Estados Unidos e Reino Unido (25 de setembro).

A deposição, através de um golpe militar, de um presidente democraticamente eleito em um país vizinho nos dá a oportunidade de observar nas reações da imprensa brasileira seu grau de adesão aos valores democráticos e de tolerância ou mesmo apoio a saídas não democráticas para a resolução de conflitos políticos. No presente trabalho optamos por selecionar o golpe de 1955 na Argentina pela relevância que aquele país, nosso maior vizinho no continente, ocupa tanto nas relações internacionais como no imaginário político brasileiro. A escolha pelo jornal O Globo se deveu ao fato deste jornal ter-se tornado, ao longo das últimas seis décadas, o centro da principal organização de comunicação de massas do país (as chamadas Organizações Globo), ocupando na ocasião do golpe de 55 um lugar de crescente influência na imprensa da capital do país. A escolha também se deveu a motivos de ordem prática, uma vez que todo o acervo d'O Globo se encontra hoje digitalizado e disponível para consulta através da web.

No presente estudo, buscamos analisar a forma como o jornal O Globo repercutiu o golpe que deu origem à queda de Perón. Para isso trabalharemos com as edições do diário lançadas entre os dias 16 e 25 de setembro de 1955. Tal período coincide com os últimos dias da campanha eleitoral para a Presidência da República aqui no Brasil, da qual sairia eleita a 03 de outubro de 1955 a chapa JK/Jango, superando as chapas lideradas pelo general Juarez Távora (apoiada por O Globo), Ademar de Barros e Plínio Salgado.

Na cobertura de O Globo sobre a crise política na Argentina fica evidente a vinculação entre os acontecimentos no país vizinho e o cenário político interno. De fato, como pretendemos mostrar, a experiência argentina é apresentada pelo diário carioca como uma lição a ser aprendida pelos brasileiros.

O Golpe na Argentina e a Cobertura de O Globo

O Início da Crise na Argentina e Primeiros Impactos nas Eleições Brasileiras

16 de setembro de 1955

Logo abaixo da manchete da edição de 16 de setembro, já comentada, destaca-se uma matéria sobre a política nacional: Calamidade nacional a candidatura de Ademar! No corpo do texto, ainda na primeira página, o jornal traz como subtítulo: Assim considerava o Sr. Getúlio Vargas, segundo revelações que fará hoje, no Senado, o Sr. César Vergueiro. Fechando essa mesma primeira página, destaca-se uma espécie de editorial (matéria opinativa e não assinada) em que o jornal louva a atitude de Etelvino Lins de, mesmo em prejuízo de seus interesses eleitorais e apesar dos esforços em contrário de JK, apoiar a candidatura do general Juarez Távora. Neste editorial parece residir a chave que permite compreender a associação feita pelo jornal entre os fatos em curso na Argentina e o contexto político-eleitoral brasileiro. Nesse sentido, vale a pena destacar os últimos parágrafos desse editorial.

O que os partidários do Sr. Kubitschek procuraram foi alargar a brecha nas divergências de superfície, nos pequenos arranhões epidérmicos entre Távora e os dissidentes, para que se tornasse inderrotável a invasão, no futuro governo, dos que agora se conuiaram, até com os comunistas! Não conseguiram, porém, senão tornar mais sólido o bloco dos que se propõem e esperam com fundamento levar à vitória os dois eminentes compatriotas, General Távora e Milton Campos.

Aliás, a entente com os comunistas está fazendo água por todas as frestas mal calafetadas do M.N.P.T. Na forma de sua velha técnica, os marxistas brasileiros criaram esse trambolho, igual a tantos outros, atrás dos quais se escondem os homens de Prestes. O M.N.P.T. nasceu sob má estrela. Primeiro foi o Sr. Ari Campista que o abandonou, declarando alto a bom som que os comunistas o haviam monopolizado, com prejuízo dos trabalhadores não marxistas. Agora é o líder operário

Nelson Rustici, vice-presidente do órgão, que rompe estrepitosamente com ele, num manifesto no qual diz: “Verifiquei que todos nós que apoiávamos o M.N.P.T. estávamos sendo iludidos pelo que (os comunistas) nos queriam usar como instrumento de seus verdadeiros objetivos não confessados”.

Só o Sr. Kubitschek não tem olhos para ver a realidade ou está ficando daltônico a ponto de não distinguir a cor gritantemente vermelha da arapuca inventada por Prestes e Tancredo Neves, para colher os votos e a solidariedade dos trabalhadores!

Estão brincando com fogo os ingênuos ou os sabidos partidários da aliança PSD-PTB. Os comunistas, convocados pelos não-comunistas para companheiros de lutas políticas, lembram aquele pensamento de Rivarol: “se um rebanho chama tigres contra seus cães, quem poderá defende-lo contra seus novos defensores?” (O Globo: 16 de setembro de 1955: página 1)

A Ameaça da República Sindicalista: A carta Brandi.

17 de setembro de 1955

A tese da conspiração comunista, perfeitamente em sintonia com o clima de Guerra Fria que vigorava no continente no período, fará a conexão entre a situação na Argentina e no Brasil. Já na edição do dia seguinte, 17 de setembro de 1955, O Globo traz como manchete a seguinte afirmação: Armas cedidas por Perón a João Goulart. Como subtítulo da matéria diz-se: Para a implantação da “República Sindicalista”. Trata-se do famoso caso da “Carta Brandi”. Nessa carta, supostamente endereçada a João Goulart, lida por Carlos Lacerda na TV Rio no dia anterior e publicada por O Globo em sua primeira página logo abaixo da manchete citada, o deputado peronista argentino Antônio Jesús Brandi trata de um acordo entre Perón e Goulart no sentido da formação de uma coordenação sindical entre o Brasil e a Argentina, a criação de brigadas operárias de choque e aquilo que Lacerda interpretou como a compra de armas na Argentina para essas brigadas. Posteriormente provada como falsa, essa carta deu ensejo a investigações no Brasil e na Argentina e repercutiu, como pretendemos mostrar, fortemente no cenário eleitoral brasileiro.

Ainda na mesma matéria de capa, abaixo da reprodução da carta, O Globo registra, em negrito os seguintes comentários:

Documento Estarrecedor (Hoje em Poder das Altas Autoridades Militares), Revelando o Crime de Lesa-Pátria do Aliado do Sr. Juscelino Kubitschek - Agentes Peronistas e Emissários do Ex-Ministro do Trabalho Numa Sinistra e Execranda Conspiração Contra o Brasil - Não Traiu o Brasil Apenas se Aliando a Moscou, Mas, Também, Conluindo-se com o Peronismo.

No detalhamento da matéria de capa, na página 10 dessa edição, O Globo traz a matéria “Armas Cedidas por Perón a João Goulart para a Implantação da ‘República Sindicalista’”, onde afirma que a referida carta:

confirma tudo que, de há muito, vem sendo articulado contra o Sr. João Goulart, acusado de conspirar contra o regime, com íntimas ligações não só com os comunistas como com Perón, para a implantação da sua famosa República Sindicalista. (...)

O sensacional documento que apresentamos (...) dispensa quaisquer comentários. (...) Armas da Argentina, fabricadas pelo governo argentino, foram enviadas ao Brasil, via Uruguaiana, para atender aos impatrióticos e sinistros desígnios do homem que se aproveitava do Poder, do prestígio do Governo, da sombra do Sr. Getúlio Vargas, para conspirar contra o regime, na sua felizmente vã tentativa de implantar a “República Sindicalista” (O Globo: 17 de setembro de 1955: página 10).

Ainda na primeira página desse dia 17 de setembro de 1955, destaca-se uma matéria em que se afirma “A Argentina no Limiar da Guerra Civil” e, novamente em editorial intitulado “Eles Querem Currais”, O Globo torna a atacar a candidatura de JK-Jango e a enaltecer a candidatura do general Távora. Acerca de Távora e de sua liderança sobre o Exército brasileiro, afirma O Globo que “podendo, com sua influência sobre seus companheiros de farda, deixar entrever soluções de força, suspensas sobre a cabeça de seus adversários, faz timbre em colocar sua pregação à sombra da lei, e só dela”, ao passo que a aliança PSD-PTB é atribuído o interesse em resistir aos avanços da Justiça Eleitoral no sentido de coibir a ocorrência do voto de cabresto e de fraudes, afirmando-se que “Kubitschek e Goulart não querem eleições insuspeitas. Eles querem é ‘currais’” (O Globo: 17 de setembro de 1955: página 1)

Nessa mesma edição, em sua página 6, O Globo detalha as informações sobre os combates na Argentina com o avanço das tropas rebeldes e, encaixado no meio dessa matéria sobre a Argentina, encontramos um box em que se noticia que, em Fortaleza (CE), a Cruzada Brasileira Anticomunista, através de seu Presidente, o Vice-Almirante Pena Boto, entregou à imprensa local em entrevista coletiva uma nota em que declara serem “totalmente inaceitáveis” os atuais candidatos à Presidência da República. Na nota, Pena Boto afirma que “a Cruzada observa com repugnância as manobras solertes da politicalha brasileira e aguarda a reação das forças vivas do país, com desprendimento e espírito cívico” E prossegue afirmando que “por mais drástica que pareça, essa reação será benéfica, pois tirará o Brasil de um impasse” (O Globo: 17 de setembro de 1955: página 6).

19 de setembro de 1955

Não havendo àquela época a edição de domingo, na segunda-feira, dia 19 de setembro, O Globo registra a evolução dos conflitos na Argentina com maior apelo

emocional. No topo da primeira página destaca: “O Globo” Apresenta Fotografias Exclusivas Dos Funerais, em Montevideú, das Primeiras Vítimas da Revolução na Argentina. Em destaque, a fotografia de um caixão cercado de flores e a seguinte legenda:

Esta é uma das inúmeras coroas enviadas à Prefeitura do Porto de Montevideú. Trazia os seguintes dizeres: “Morra o Tirano”. Assina-a: “Uma mãe”. (Foto de Indagassú Leite, enviado especial de O Globo a Montevideú para a cobertura da revolução argentina).

Em outra foto, imediatamente abaixo, destaca-se um veículo funerário cercado de populares e, abaixo a seguinte legenda: Uma multidão consternada assistiu à saída dos féretros dos cinco marujos argentinos da Prefeitura do Porto de Montevideú ao cemitério. (O Globo: 19 de setembro de 1955: página1).

Entre manchetes sobre os conflitos na Argentina, destaca-se manchete sobre a carta Brandi: *Apuração Imediata da Verdade*. Na chamada para a matéria afirma-se que “Encarece o Ministro da Marinha urgência para o inquérito sobre a autenticidade da carta do deputado peronista Antônio Brandi ao Sr. João Goulart e sua remessa à Justiça Eleitoral ‘para proceder dentro da lei’”. Na página 6 da mesma edição, ao desenvolver a matéria de capa o jornal dá destaque às posições do general Góis Monteiro, Ministro do Supremo Tribunal Militar, entrevistado pelo jornal. Embora registre que encontrou o general “ora esquivo, ora reticente” acerca da carta, O Globo interpreta as declarações do ex-Ministro da Guerra da seguinte forma: “Nas entrelinhas de suas declarações, no entanto, descobre-se nitidamente a confirmação da autenticidade da carta”.

20 de setembro de 1955

A edição de 20 de setembro mantém o mesmo padrão das anteriores, alternando no topo da primeira página notícias sobre a situação na Argentina e o processo eleitoral brasileiro, aí incluído o caso da carta Brandi. Assim, no topo da página lê-se, entre aspas, em caixa alta e letras grandes “Vitória de Juarez para Garantia do Regime” e, ao lado, entre parênteses e letras minúsculas “declarações de Milton Campos e João Agripino” (O Globo, 20 de setembro de 1955, página 1). Abaixo, a manchete principal trata da situação na Argentina e afirma “A Ameaça de Greve Geral Inquieta a Junta Militar”.

Ainda na primeira página, em negrito e entre aspas, o jornal traz a manchete: Perón como ditador já estava durando muito. Mais abaixo um pouco, reforça-se a mesma ideia acerca do Presidente (democraticamente eleito) Juan Perón, destacando a fala do deputado brasileiro Aliomar Baleeiro: Juan Perón teve o fim de todos os ditadores.

No pé dessa primeira página, mais um editorial ataca João Goulart em função da carta Brandi: A Carta do Deputado Argentino e a Insustentável Posição do Sr. Goulart.

Exortando a que o ex-Ministro do Trabalho prove a inautenticidade da carta, O Globo assim se expressa:

O caso para o Sr. Goulart requer um esclarecimento amplo e urgente, porque sua candidatura está posta ao exercício da segunda magistratura da República. Se ele é o destinatário da incriminada carta; se ele combinou com especialista do sindicalismo peronista o envio de agentes para o Brasil; se ele contratou a compra de armas para sua milícia sindicalista (que seria uma cópia da C.G.T. de Buenos Aires), então não pode, de forma alguma, ser companheiro de chapa do Sr. Juscelino Kubitschek. Suas atitudes, seus compromissos, suas leviandades o terão frontalmente desqualificado para aspirar a tão alta honra. Não são precisos “golpes” nem levantes armados. O simples sentimento nacional tolherá as pessoas de um moço que não soube compenetrar-se da grande honra que é ser cidadão da sua Pátria.

A Queda do Ditador

21 de setembro de 1955

A edição do dia 21 de setembro indica a queda de Perón sem que ainda se possa falar de um novo governo na Argentina. O Globo se expressa com a manchete “A Argentina sem Governo”. Logo abaixo, no entanto, destaca a rendição das forças armadas fiéis a Perón: Total Capitulação dos Generais Peronistas. Destaca-se também as comemorações em Montevidéu (Uruguai) pela queda de Perón e dos estudantes do Liceu Naval de Rio Santiago (Argentina). Na página 4 dessa edição, com o título “Perón Deixa um País em Ruínas” registra-se a entrevista com Américo Guialdi, ex-diretor do extinto jornal *La Vanguardia*, de Buenos Aires, exilado político, que avalia que “Perón deixa um país em ruínas, social, política e economicamente”, afirmando ainda que este “deixa uma profunda divisão no seio das forças armadas, o que, em quaisquer circunstâncias, significa grave perigo para uma República” (p. 4).

Ainda acerca do caso da carta Brandi, O Globo destaca a posição de Goulart de denunciar falsidade da carta em seus comícios e a notícia de que caberia ao Presidente Café Filho a decisão de deixar ou não a cargo de uma Comissão Militar de Inquérito a investigação acerca de sua autenticidade (Idem: página9)

A Legitimidade da Intervenção Militar

22 de setembro de 1955

A edição do dia 22 de setembro é, talvez, a mais agressiva de todas as do período. Em destaque, o debate acerca da falsidade ou não da carta Brandi, com o jornal pedindo a opinião dos leitores e abrindo colunas de opinião dos deputados Carlos Lacerda e Fernando Ferrari na primeira página. Ao lado dessa matéria principal, o jornal publica: Serão apuradas ligações de Perón com grupos políticos estrangeiros.

Reproduzindo ainda as declarações de Carlos Lacerda, a primeira página de O Globo destaca: Vamos mostrar à Nação quem é o traidor “Jango” Goulart. Nessa matéria, Lacerda declara:

Os peronistas e seus cúmplices no Brasil estão julgando o clichê de uma cópia fotostática de um documento cujo original não viram. Mas, não perdem por esperar. Esse documento é apenas o começo.

Perón e o partido comunista não vão cair apenas na Argentina. Cairão também aqui, se Deus quiser. Votem em Juarez e esperem tranquilos: nós enfrentaremos essa onda. Vamos demonstrar à nação quem é o traidor “Jango” Goulart (O Globo: 22 de setembro de 1955: página 1).

Mais abaixo, o jornal apresenta a notícia de que a Presidência da República autorizara a formação de uma Comissão Militar de Inquérito para apurar a autenticidade da carta Brandi. No pé da página, mais um editorial em favor da candidatura de Távora à Presidência: Por que Juarez Távora?

Ainda nessa edição, O Globo traz em sua página 5 notícias sobre o novo governo provisório argentino e sua determinação de deixar partir o ex-Presidente Perón para o exílio. O novo Presidente, o general Eduardo Lonardi é apresentado como “um democrata notório”.

Nessa mesma página 5, em outra matéria não assinada e com caráter de opinião, O Globo destaca “O Fim do Peronismo”, afirmando que, embora a queda que se estava assistindo parecesse definitiva, com o novo governo rejeitando conciliações com o governo anterior, ainda havia que se combater as raízes lançadas pelo peronismo. Afirma o jornal:

Contudo, sabe ele (o general Lonardi) que as ditaduras são tenazes e recusam-se a morrer, não sendo esse o menor dos seus malefícios. Há cerca de 10 anos vinha Perón exercendo todo o vigor de uma propaganda intensa para apresentar-se como salvador, homem providencial, iluminado e tudo o mais que é preciso para empolgar as massas crédulas e que na sua ânsia eterna por um pouco mais de segurança e de felicidade se deixam facilmente iludir pelos seus exploradores, dedicando-lhes uma fidelidade imerecida e que os torna ainda mais criminosos.

Por isso, não há quem julgue que a queda de Perón signifique automaticamente o fim do peronismo. Liquidá-lo é a tarefa mais urgente que se oferece aos novos governantes argentinos. (página 5)

Na página 6 encontramos ainda duas matérias sobre Perón e a situação na Argentina. Em “Começam a Eliminar-se os Vestígios da Ditadura Peronista na Argentina”, O Globo destaca as “manifestações de júbilo em todo o país”, a destruição

de bustos e retratos do casal Perón, bem como o debate acerca do destino a ser dado ao ex-Presidente, se o exílio ou um julgamento no próprio país. Em “Perón irá Mesmo para Assunção”, O Globo registra as declarações do embaixador brasileiro em Buenos Aires dando conta de que o novo governo não estaria pondo obstáculos à saída de Perón do país em navio paraguaio.

Na página 7, o jornal aborda o tema da capa acerca das investigações das ligações entre Perón e grupos políticos estrangeiros. Assim se expressa o jornal:

Devassa completa para a elucidação dos crimes e negociatas do ex-ditador - apagar o peronismo até os últimos vestígios, a tarefa do governo revolucionário - como falou a O Globo em Montevideu o deputado radical Zabala Ortiz que deverá ocupar lugar de relevo no novo governo argentino. (O Globo: 22 de setembro de 1955: página 7)

Ainda no corpo dessa matéria, registra-se a declaração do referido deputado de que “todos os crimes e negociatas do governo Perón serão apurados, inclusive ligações clandestinas com grupos políticos de outros países”, a que O Globo acrescenta, entre parênteses a seguinte frase: Caso República Sindicalista do Brasil articulada pelo Sr. João Goulart.

Ainda sobre o destino a ser dado a Perón, O Globo destaca em sua página 9 do dia 22 de setembro de 1955, declarações de especialistas em Direito Internacional no sentido de que deva ser garantido o direito de Perón deixar o país e não ser entregue às autoridades do novo governo argentino.

Sobre o cenário político brasileiro, ao final dessa mesma página 9, O Globo destaca a declaração do candidato à Presidência da República pela UDN, General Juarez Távora, de que “Escolhi o Caminho das Urnas”, onde este declara: considero ultrapassado o assunto “golpe”. Segundo O Globo, Távora teria declarado que “escolhi o caminho das urnas e seria desicaldado pensar em outra solução” (O Globo: 22 de setembro de 1955; página 9).

23 de setembro de 1955

A primeira página da edição de 23 de setembro de 1955 é praticamente toda dedicada à política, no Brasil e na Argentina. A manchete do topo da página mantém a conexão entre os dois assuntos: “O Globo” ouve o Deputado Brandi, que Negou a Autoria da Carta. E, logo abaixo, outra manchete destaca que o suposto intermediário entre Goulart e o governo argentino para o envio das armas, Ignacio Nicolas Pinedo, teria estado no Rio de Janeiro à época do acordo, tendo se hospedado no mesmo hotel onde residia João Goulart. Assim foi publicada a manchete: Pinedo, citado na carta de Brandi, chegou ao Rio para hospedar-se no Hotel Regente, onde vivia o Sr. “Jango” Goulart.

Ao fim da mesma primeira página o jornal destaca a polêmica em torno do uso do “til”, acento inexistente nas máquinas de escrever argentinas, na chamada carta

Brandi, o que poderia ser um indício da falsidade da carta. Destaca-se a fala do jornal, em que afirma sua isenção no caso:

É conhecida a posição de O Globo de absoluta isenção em relação à carta exibida na televisão pelo Deputado Carlos Lacerda. (...)

Se a justiça militar reconhecer que a carta é falsa, ou mesmo se antes desse “veredictum” aparecerem realmente elementos insofismáveis a provarem a falsidade - estejam certos esses colegas de que O GLOBO encontrará meios para antecipar-se na publicação da verdade. Essa tem sido a nossa força nestes trinta anos de vida

Até lá, digam os nossos leitores o que é mais fácil: encontrar em Corrientes, na fronteira do Brasil com a Argentina - país onde praticamente estavam proibidas as importações e onde, conseqüentemente, as máquinas de escrever custavam somas elevadas - uma máquina adquirida no lado brasileiro, ou em Montevideú, que é, como é sabido, porto livre?...

Na página 2 dessa edição, O Globo retrata assim o Presidente Provisório da Argentina:

Quem é o General Lonardi

O General Lonardi é considerado por todos como um homem honesto e idealista. Nasceu aqui mesmo em Buenos Aires a 15 de setembro de 1895. Foi colega de Perón na Escola Militar. Serviu como Adido Militar no Chile e representou a Argentina na Junta Interamericana de Defesa, em Washington. Quando Eva Perón foi convidada a se candidatar à Vice-Presidência da República, o General Lonardi pediu reforma em protesto. Desde então, passou a conspirar contra Perón, tendo participado ativamente na conspiração de 1953. Perón tentou dominá-lo, oferecendo-lhe ótimas posições, mas o General Lonardi sempre as recusou. As suas recusas intensificaram a perseguição do governo. O General Lonardi é homem conservador e religioso. É casado e possui quatro filhos: dois rapazes e duas moças. Um dos rapazes estuda na Inglaterra. (O Globo: 23 de setembro de 1955; página2).

Em outras manchetes de primeira página O Globo destaca “Fuzilaria em Rosário”, dando conta de choques entre peronistas e o Exército, e “Inflamados pela Revolução, Populares Destroem Tudo da Propaganda de Perón”, onde se registra a invasão e destruição da sede da Aliança Libertadora e o jornal volta a apresentar o líder do golpe, general Lonardi, como “o general perseguido por Perón”.

Sobre a política nacional, em “De uma Vez por Todas”, O Globo publica carta de João Neves da Fontoura se defendendo da acusação, feita pelo jornal “Diário Carioca” de ser ele o autor da carta Brandi. Em “Reafirma a Subserviência do MNPT a Elementos Comunistas”, o jornal traz chamada para a entrevista com o sindicalista Nelson Rustici

acusando o movimento de estar sendo conduzido por “elementos comunistas nele infiltrados” (O Globo: 23 de setembro de 1955; página 3).

Em “Tenham Pena do Brasil”, O Globo reproduz discurso do Presidente da UDN carioca, Aduino Lúcio Cardoso. Assim publicou o jornal em sua primeira página:

Não votem em candidatos desonestos, peculatórios ou fascistas a fim de poupar dias amargos para o país, conclama o presidente da UDN carioca, Sr. Aduino Lúcio Cardoso - “Deus há ajudarnos a que saiamos desse atoleiro com a eleição de Juarez” - Provada a improbidade de Juscelino - Telegrama de Carlos Lacerda ao General Távora - “Deixo o país por breves horas, para ir buscar as provas da traição dos candidatos peronistas à Presidência e Vice-Presidência da República”. (O Globo: 23 de setembro de 1955; página 1).

O editorial da primeira página aborda a questão da relevância do cargo de Vice-Presidente: “Para o Brasil a Decisiva Opção: Goulart ou Milton Campos?”. Na página 6, O Globo dá continuidade ao editorial, novamente afirmando sua isenção partidária:

Dos nomes propostos para aquele cargo, avulta cercado de um halo de respeito e consideração o do Sr. Milton Campos. Não escrevemos essas palavras por um sentimento de facção, que não temos nem jamais impulsionou a conduta deste jornal nos trinta anos de sua vida. O Sr. Milton Campos pertence, por consenso unânime, àquela rara categoria dos homens que enobrecem a política e lhe dão um sentido de sacerdócio cívico. Poderia morar numa casa de cristal, exposta aos olhos de seus concidadãos, sem nada ter a esconder, nem mesmo dos maldizentes. A sua modéstia oculta um dos mais consumados juristas brasileiros, de nosso tempo, exercendo a cátedra de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Universidade de Minas, a de Política da Faculdade de Filosofia e Letras. Advogado, escritor, parlamentar, orador de rara eloquência, só esses dotes o recomendariam ao cargo, que outros mineiros tanto ilustraram. Mas o que no Sr. Milton Campos o destaca é que S. Ex. não se esgotam os méritos em ser dos primeiros no exercício do magistério superior, no Pretório ou na Câmara, a que voltou a pertencer nesta legislatura. Chamado ao governo de seu estado, foi administrador exemplar pelo equilíbrio, comedimento, espírito realizador, respeito a todas as opiniões políticas.

Quando hoje, seu conterrâneo Sr. Juscelino Kubitschek por aí anda a enfeitar-se com a autoria do binômio - Energia e Transporte - ninguém escuta um fundado protesto partido do Sr. Milton Campos. Entretanto coube a S. Ex. o planejamento de todas as obras de que tanto se gaba o Sr. Kubitschek. (...)

Tais são os traços marcantes do candidato que na chapa de Juarez Távora é proposto à consideração do povo brasileiro. Este é que terá de optar: Milton Campos ou João Goulart? Pelo professor que ganhou o apreço e a admiração da mocidade mineira, ou pelo discursador tatibitate dos comícios em prol da majoração do salário mínimo? Pelo mestre de política à juventude universitária da velha Minas liberal, ou pelo pequeno demagogo rural que nem conhece os lineamentos da ciência social? Pelo governante austero de seu estado, ou pelo vadio Secretário do Interior do Rio Grande, que sequer não frequentava seu gabinete durante dois anos? Pelo varão de uma proverbial integridade ou pelo Ministro que acobertou o desvio de verbas do Fundo Sindical?

Tais são os termos do confronto. O povo brasileiro, com especialidade o povo mineiro, é que terá de decidir-se por um ou por outro. O pleito de 3 de outubro, neste aspecto, será um teste nacional. (O Globo: 23 de setembro de 1955: página 6)

Na página 9 dessa edição, destaca a dissolução do Congresso Argentino (de maioria peronista) pelo governo provisório. Na mesma matéria registra-se a declaração do General Lonardi de que em seu governo jamais se produzirá uma situação em que o povo se veja obrigado a empunhar armas. Na mesma página destaca-se o restabelecimento da liberdade de imprensa na Argentina.

24 de setembro de 1955

A primeira página dessa edição é também basicamente voltada para a política argentina e brasileira. No topo da página, novamente a ligação entre uma coisa e outra: *Autoridades Brasileiras em Buenos Aires Confirmam as Ligações com o Peronismo!*

Na manchete principal “Delírio Popular em Buenos Aires na Posse de Lonardi”. No pé da página destaca-se a fala de Lonardi no sentido de que seu governo tenderá a durar apenas o tempo suficiente para a restituição das “liberdades democráticas” no país. Sem registrar qualquer contradição, em sua página 5 o jornal noticia que foram “Presos Todos os Ex-Congressistas Peronistas”.

A questão da veracidade da carta Brandi tem continuidade com o debate acerca do uso do “til” em “*O Til Continua a Fazer Prova ...*” e a manchete “*O Ministro da Guerra Considera Imperativa a Elucidação do Caso da Carta a João Goulart*”, em que se destaca as declarações do General Maurell Filho, Presidente do Inquérito Policial Militar.

26 de setembro de 1955

Em mais uma edição cuja primeira página é praticamente toda tomada pelos temas políticos brasileiros e argentinos, O Globo traz no topo de página a manchete “*Lacerda Promete Revelações Sensacionais*”, em que afirma a existência de laços

estreitos entre João Goulart e Inácio Pineda, suposto contato no caso da venda de armas segundo a carta Brandi. Sobre a situação na Argentina o jornal traz as manchetes: “*Tão Cedo, na Argentina, não se Pode Pensar em Eleições*”; “*Perón Deixou a Argentina*”, dando conta da saída do ex-Presidente do país a bordo de navio militar paraguaio, e; “*Medidas Drásticas do Exército para Prevenir Contra-Revolução Peronista*”.

Sobre as eleições no Brasil, O Globo destaca a intensificação dos esforços do Clube da Lanterna, organização fundada em 1953 por Carlos Lacerda com o intuito de combater o governo de Getúlio Vargas, em favor da candidatura de Juarez Távora. No corpo do jornal, registra-se:

Realizou-se no sábado último, no auditório da ABI, uma reunião do “Clube da Lanterna”, em que foi debatido e articulado o programa definitivo da campanha em favor de Juarez e Milton durante esta semana. O único orador foi o Sr. Amaral Neto, Presidente do Clube, que esclareceu aos presentes a posição daquele organismo em face do momento político, em que aceita a candidatura do Sr. Juarez Távora após a retirada da do Sr. Etelvino Lins. Foi ressaltada a importância da candidatura Juarez, que foi apoiada como a “última esperança capaz de resolver, por bem, os problemas brasileiros”, uma vez que, se depois de 3 de outubro voltar ao poder a camarilha Vargas, apoiada pela fraude eleitoral, todos os brasileiros saberão imitar o exemplo da Argentina. (O Globo: 26 de setembro de 1955: página 2)

No topo da página 5 da mesma edição a matéria “*Denunciadas Há Dois Anos as Ligações de Jango com Perón*” trata de nota da Cruzada Brasileira Anticomunista onde esta “comprova plenamente a autenticidade da carta do Deputado Brandi a Jango Goulart”, dando conta de que o Presidente da entidade, o Almirante Pena Boto, já havia questionado em 1953 o então Ministro do Trabalho João Goulart pelo fato de manter em seu gabinete Raul Riff, ao qual descreve como comunista militante, e de receber “quase diariamente” outra militante comunista, a Sra. Maria da Graça Dutra. A nota da Cruzada, reproduzida por O Globo, segue registrando a carta de Pena Boto a Goulart, onde se afirma: “Sr. Ministro, a unidade sindical nos levaria, fatalmente, a uma ditadura sindicalista e colocaria o Brasil sob a tutela de uma C.G.T. à moda peronista ou boliviana”. Traz ainda, a nota, a afirmação de que

No mesmo mês e ano, no Recife, o Almirante deu entrevista em que disse estar o P.T.B. instigando as greves para criar “a C.G.T. e passar ao regime filocomunista que bem poderia ser do tipo da república sindicalista”. Por fim, numa outra proclamação o Almirante Pena Boto acrescentava: “Pobre Brasil. Internamente cede aos bolchevistas e lhes presenteia, para o êxito, com o crescente descalabro nacional; externamente, cede aos argentinos (via Jango e outros traidores) propiciando-lhes a criação do bloco sul-americano urdido na mente monomaniaca de um déspota que deseja liderar a América Latina e dele

apartar a grande nação da América do Norte”. (O Globo: 26 de setembro de 1955: página5).

O Discurso Político-Midiático de O Globo

O que caracteriza o discurso jornalístico é, basicamente, o discurso da informação. Ou seja, o jornal se põe na condição daquele que, tendo presenciado ou entrado em contato com fontes que atestam algum fato ou processo, se dispõe a repartir o conhecimento, no caso, a informação, com os leitores. O pacto, portanto, existente entre o jornal e seus leitores é o de que este se proponha a ser o mais fidedigno possível na transmissão dessas informações. No entanto, além disso, caberá ao jornal o papel essencial de selecionar as fontes de informação de modo que se coloca também no pacto com os leitores a criteriosidade dessa seleção. Provar que a seleção das fontes não se dá de forma arbitrária ou parcial é essencial para a credibilidade do jornal, fundamental para que as matérias jornalísticas, embora narrativas, sejam tomadas como a verdade dos fatos.

O esforço de construção desses “efeitos de verdade” se apoia numa estrutura de poder simbólico já existente na sociedade, ainda que possa atuar também no sentido de alterá-la. Ou seja, a credibilidade de que goza a matéria jornalística depende da credibilidade por ele mesmo construída no passado, mas, também, na credibilidade gozada por outros atores da vida social, que o jornal pode tomar como fontes ou avalistas dos fatos narrados e de interpretações publicadas por ele. Ou seja, a credibilidade de um jornal ou de uma matéria jornalística depende de sua inserção em uma rede de relações sociais que envolve o próprio jornal, diferentes atores da vida social e os leitores. Chamar em seu favor ou reproduzir a palavra deste ou daquele ator, ou, pelo contrário, se contrapor à palavra de algum ator ou reproduzir discursos de terceiros que buscam desmerecê-la é a forma básica como os jornais se inserem nessa estrutura de distribuição do poder simbólico, reforçando essa distribuição ou buscando alterá-la.

Mas não apenas a credibilidade dos atores entra em questão na cobertura midiática. Instrumentos técnicos e procedimentos jogam um papel importante nessa construção dos efeitos de verdade. No contexto da imprensa brasileira dos anos 1950, a fotografia se tornou um desses instrumentos, do mesmo modo que as entrevistas por telefone e, no caso dos procedimentos, a presença de um “emissário especial” situado em locais considerados estratégicos para a observação dos fatos relevantes.

Por fim, tão importante quanto a rede de relações, os instrumentos e métodos de trabalho, também a linguagem utilizada para transmitir a informação ou mensagem se mostra fundamental para a construção dos “efeitos de verdade”. Novamente, tal qual ocorre com a reputação das fontes, também a linguagem está inserida num contexto social, de modo que uma mesma forma de dizer pode gerar confiança e simpatia junto a determinados grupos sociais e desconfiança ou aversão junto a outros. Portanto, a linguagem jornalística tem que ser adaptada ao público ao qual esta se

dirige, o que, desde então, significa que a escolha da linguagem por parte do jornal já indica sua opção por um “leitor ideal” que pode ser mais ou menos diversificado, conforme o grau de diversificação interna do veículo. Não é incomum, nos jornais, que tenhamos linguagens diferentes conforme cadernos ou sessões dedicados a temas específicos e que, supostamente, se dirigem a públicos diferenciados.

Mas, nem só de “verdade” vive um jornal. Tratando-se de uma mercadoria, o jornal tem a necessidade de atrair o consumidor, de chamar-lhe a atenção. Assim, parte das estratégias discursivas do jornal é dedicada a causar impacto de modo a estimular a compra por parte de um público relativamente amplo. No contexto dos anos 1950, a primeira página dos jornais impressos cumpre com essa função. Expostas nas bancas, as primeiras páginas dos diferentes jornais competem diariamente pela atenção de um público flutuante, que pode ou não ter acesso ao interior de um ou outro jornal, mas que é atingido, ainda que rapidamente, pelas manchetes.

Quando tomamos a cobertura do jornal O Globo como um discurso político-midiático o que pretendemos é chamar a atenção para o fato de que, além de discursos de verdade e de apelos mercadológicos, típicos das mídias, os jornais cumprem também um papel de conclamar o público à ação ou demandar sua adesão a alguma causa ou ideia. Como diz Charaudeau:

O governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode agir sem a palavra: a palavra intervém no espaço de discussão para que sejam definidos os ideais dos fins e os meios da ação política; a palavra intervém no espaço de ação para que sejam organizadas e coordenadas a distribuição das tarefas e a promulgação das leis, regras e decisões de todas as ordens; a palavra intervém no espaço de persuasão para que a instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir os conflitos de opinião em seu proveito (CHARAUDEAU: 2006: 21).

Então, tomamos o discurso de O Globo como um discurso político na medida em que este, em diversos momentos e de modo explícito, pretende comandar um diagnóstico de situação acerca de temas de interesse social, indicar a ação a ser empreendida e mobilizar os leitores/cidadãos a empreenderem essa ação ou a apoiarem quem a empreenda.

Segundo Charaudeau, o que caracteriza a instância política é o fato desta ser o lugar “em que os atores têm um poder de fazer - isto é, de decisão e de ação - e um poder de fazer pensar - isto é, de manipulação” (CHARAUDEAU: 2006: 56). Já a instância midiática, para o mesmo, se caracteriza por ter seu discurso situado

entre um enfoque de cooptação (...) que o leva a dramatizar a narrativa dos acontecimentos para ganhar a fidelidade de seu público, e um enfoque de credibilidade, que o leva a capturar o que está escondido sob as declarações dos políticos, a denunciar as

malversações, a interpelar e mesmo acusar os poderes públicos para justificar seu lugar na construção da opinião pública (Idem: idem: 63).

Resumido seu posicionamento acerca da comunicação política, Charaudeau diferencia o papel das diferentes instâncias presentes nessa comunicação. Segundo o autor

O dispositivo do contrato de comunicação política é, de certa forma, uma máquina de forjar discursos de legitimação que constroem imagens de lealdade (para a instância política), que reforçam a legitimidade da posição de poder; de protesto (para a instância cidadã), que justificam a legitimidade do ato de tomar a palavra; de denúncia (para a instância midiática), que mascaram a lógica comercial pela lógica democrática, legitimando esta em detrimento daquela (CHARAUDEAU: 2006: 63-4)

Conclusão

Nos anos 1950 a imprensa brasileira começava uma fase de transição. Segundo Ribeiro, “influenciada pelo modelo norte-americano, a imprensa pôs-se a estabelecer novos padrões de produção discursiva, autonomizando-se em relação às esferas literárias e políticas que até então a dominavam” (RIBEIRO: 2006: 427). Esse novo modelo, no entanto, só se tornaria hegemônico, segundo Ribeiro, na década de 1970 (Idem: 428).

O que podemos ver no caso analisado foi a mobilização, por parte de O Globo, de um grande número de recursos típicos da estratégia de objetivação da notícia de modo a promover uma imagem de relativa neutralidade do veículo em relação aos temas políticos tratados³. Ao dar manchete às declarações dos adversários de Perón na cobertura sobre o golpe na Argentina, e dos adversários de Kubitschek e Goulart na cobertura da disputa presidencial, O Globo atua como uma caixa de ressonância desses grupos políticos, buscando, no entanto, manter uma aparência de neutralidade ao fazer referência, no corpo das matérias, aos autores das frases, de que o jornal apenas faz o registro. A escolha dos entrevistados e o destaque dado a suas declarações, no entanto, demonstram um alinhamento do jornal, que encontra apoio nos editoriais, explicitando as preferências do veículo.

Além dos entrevistados, o uso da fotografia, do telefone e da figura do repórter de campo confere à cobertura jornalística sobre os eventos na Argentina uma credibilidade de notícia, servindo de suporte para a emissão de juízos de valor acerca

³ Sobre esse mesmo processo, assim se pronunciou, com seu estilo incomparável, o jornalista e escritor Nelson Rodrigues:

“O Pompeu trouxe pra cá o que se fazia nos Estados Unidos - o copy-desk. Começava a nova imprensa. Primeiro foi só o Diário Carioca; pouco depois os outros, por imitação, o acompanharam. Rapidamente os nossos jornais foram atacados por uma doença grave: - a objetividade. Daí para o idiota da objetividade seria um passo. (...) Eis o que eu queria dizer: - o idiota da objetividade inunda as mesas da redação e seu autor foi, mais uma vez, Pompeu de Souza. Aliás, devo dizer que o copy-desk e o idiota da objetividade são gêmeos e um explica o outro”. (RODRIGUES: 1977: 65; Apud BARBOSA: 2007: 150)

do governo de Perón, de suas alianças com grupos políticos brasileiros e de sua possível influência na vida política nacional.

Concluimos que a cobertura de O Globo acerca do golpe de Estado que derrubou Juan Perón da Presidência da Argentina foi fartamente instrumentalizada para gerar uma opinião pública contrária à chapa JK/Jango na disputa pela Presidência da República no Brasil, ao buscar associar diretamente (através do episódio da carta Brandi) e indiretamente (através da assimilação da figura de Vargas à de Perón) a realidade política dos dois países. Perón é mostrado como um líder nefasto e irresponsável que levou seu país à beira da guerra civil e tornou inevitável a intervenção militar para restaurar a ordem. Do mesmo modo, a candidatura de Juarez Távora à Presidência do Brasil é apontada como uma saída democrática para evitar que o Brasil seguisse o mesmo caminho da Argentina, o que se tornaria inevitável no caso de uma vitória da chapa JK/Jango.

Como hipótese a ser desenvolvida em estudos futuros, percebemos na cobertura jornalística de O Globo tanto sobre os eventos do golpe na Argentina como sobre a campanha presidencial no Brasil uma legitimação da intervenção militar como alternativa legítima à escolha de governantes através do método democrático, colaborando com o enfraquecimento da cultura política democrática junto a seus leitores.

Referências bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de (Org.). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pos-1930*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. FGV: CPDOC, 2001. 5v.
- ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAGGIO, Agustina. “La caída de Perón: ruptura e relectura. Las interpretaciones histórico políticas sobre el echo peronista tras el golpe de Estado de 1955”. In *Documentos de Trabajo*. Buenos Aires (Argentina): Universidad de Belgrano (Departamento de Investigaciones/Área de Ciencia Política), 2007. Nº 203. Disponível em http://www.ub.edu.ar/investigaciones/dt_nuevos/203_maggio.pdf
- MIRANDA, Mario Ângelo Brandão de Oliveira. “A deposição de Juan Perón e sua repercussão no ambiente político das eleições presidenciais brasileiras de 1955”. In *Anais do 9º Encontro Internacional da ANPHLAC*. Goiânia: UFG, 2010. <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Miranda%20MABO.pdf>.
- O Globo. Rio de Janeiro. 16 de setembro de 1995.

- _____. Rio de Janeiro. 17 de setembro de 1955.
_____. Rio de Janeiro. 19 de setembro de 1955.
_____. Rio de Janeiro. 20 de setembro de 1955.
_____. Rio de Janeiro. 21 de setembro de 1955.
_____. Rio de Janeiro. 22 de setembro de 1955.
_____. Rio de Janeiro. 23 de setembro de 1955.
_____. Rio de Janeiro. 24 de setembro de 1955.
_____. Rio de Janeiro. 26 de setembro de 1955.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970”. In NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Record, 1977.



Recebido em junho de 2018

Aceito para publicação em julho de 2018